

CONGADA EM APARECIDA DE GOIÂNIA: A IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE

Lidianne Rodrigues¹

Fernanda Laura²

Resumo: O presente texto evidencia a congada enquanto expressão de identidade e memória da cultura negra de matriz africana na cidade de Aparecida de Goiânia-Goiás. O artigo foi desenvolvido a partir de metodologia de pesquisa bibliográfica com recorte no Batalhão de congo Santa Efigênia no setor Alto Paraíso em Aparecida de Goiânia. Propomos entender como a oralidade contribui para a continuidade da tradição congadeira na cidade bem como relacionamos História e Memória a partir das músicas que são cantadas por este grupo em específico, para a percepção dos traços de memória histórica presente nos enredos. Utilizamos dos seguintes referenciais bibliográficos Brasileiro (2001), Ki-zerbo (2011), Costa (2012) entres outros.

Palavras chave: Congada. Memória e História. Oralitura.

INTRODUÇÃO

Mediante as questões identitárias, não podemos desconsiderar que todos nós possuímos uma a partir do lugar em que vivemos. Nas sociedades contemporâneas todos têm uma identidade. Esse documento registra nossa filiação, o dia e o local em que nascemos. A humanidade como a conhecemos também tem um documento de identificação. Há muitos recortes históricos sobre o surgimento do homem moderno e conseqüentemente da humanidade.

Os inúmeros avanços promovidos pelos nossos ancestrais foram conseguidos por técnicas e adaptações ao meio em que viviam. E sem dúvidas uma das maiores conquistas desses povos antigos foi a invenção da escrita. Na pré-história as trocas simbólicas entre os homens se davam por meio dos gestos e das representações registradas nas paredes das cavernas. Porém por volta do ano 4000 a.C surgiu os primeiros registros da escrita na região da Mesopotâmia.

Apesar desse fato contribuir para o desenvolvimento do homem moderno, outro evento registrado um pouco antes representa um fator importante para o desenvolvimento da humanidade: A oralidade. Mas quando afinal o ser humano começou a falar? Acredita-se que o homem tenha começado a falar – ou começado a tentar falar – cerca de 60 mil anos antes da

¹ Graduada do curso de História pela Faculdade Alfredo Nasser.

² Professora Mestre em História atuante na Faculdade Alfredo Nasser.

Era Cristã. Essa possibilidade foi levantada após a descoberta de um osso hióide – situado na base da língua – em uma caverna do Monte Carmelo, em Israel.

A fala nos humanos é permitida por uma intrincada articulação entre o cérebro, a laringe, as cordas vocais e a língua. Os elementos necessários para que essa pudesse acontecer foram aparecendo ao longo da evolução dos hominídeos. Há um marco temporal considerável entre o surgimento ou os primórdios do surgimento da fala nos homens e o nascimento da escrita, que nos permite considerar preliminarmente que o desenvolvimento e o aperfeiçoamento dos inúmeros instrumentos que permitiram a evolução do homem se deu não apenas pelas imagens rupestres e sim também por meio da oralidade.

Neste sentido, entender a configuração da congada e como a oralidade vem contribuindo para a preservação da memória e identificar qual é o tratamento para com as mudanças históricas e os reflexos que esse grupo pode enxergar.

1. HISTÓRIA E MEMÓRIA

A História e a memória estão em constante diálogo, a História se distancia da memória por ser uma ciência capaz de recontar fatos passados onde os mesmos possuem documentos e monumentos para reafirmar o que está escrito, enquanto a memória é uma habilidade que é passível de falhas, onde um grupo pode lembrar daquilo que lhe apetece e outro grupo no entanto não lembrará do mesmo evento e assim por diante. A nossa vida em sociedade nos obriga a seguir uma divisão de tempo uma divisão a qual não tem muito espaço para as individualidades que surgiram no meio do caminho. Em razão de o tempo ser coletivo onde todas as sociedades serão obrigadas a seguir o mesmo ritmo.

Somos enquanto indivíduos pertencentes a vários grupos, esses grupos estão presentes na escola, no trabalho, na família, em atividades de lazer entre outros. Dentro de cada um dos grupos aos quais pertencemos, teremos lembranças individuais cada um com seu ponto de vista de cada acontecimento. Teremos o que Halbwachs (1990) vai chamar de consciência individual que será o encontro de todas as memórias dos grupos que o indivíduo faz parte.

[...]entretanto, apercebemo-nos que se trata de um pensamento que avança sem cessar, que muda sem parar, de uma percepção para outra, de um estado afetivo para o outro, mas que o que caracteriza a memória é pelo contrário, o fato de que ela nos obriga a nos determos, a nos afastarmos momentaneamente desses fluxos e, senão a percorrer a corrente, pelo menos nos engajarmos numa direção oblíqua, como se ao longo dessa série contínua houvesse uma quantidade de pontos que

originam bifurcações. (HALBWARCHS, 1990, p. 129)

Ao contrário da memória, a História não apenas conta o que aconteceu ela também faz a crítica daquele passado, a mesma não tem o papel nem de demonizar e nem de glorificar os fatos passados. No entanto, a memória pode ser guiada pelo presente levando a conclusões individuais ou coletivas de alguns fatos julgando os mesmos ruins ou bons para os grupos envolvidos. A memória não possui o mesmo exercício de reflexão que a História se insere.

A história pode apresentar-se como a memória universal do gênero humano. Mas não existe memória universal. Toda a memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo. Não se pode concentrar num único quadro a totalidade dos acontecimentos passados[...] (HALBWACHS, 1990, p. 85)

A memória também advém de eventos vividos pessoalmente por nós, mas a memória pode ser transferida através do compartilhamento de fatos que foram vividos por indivíduos anteriores e que os mesmos por crerem que aquilo que eles viram ou pensam é uma verdade. Estamos concebendo a memória não só como um evento vivido pessoalmente, mas também como um evento vivido por toda uma etnia trazendo então o aspecto de memória coletiva, onde o indivíduo se entende como parte daquele acontecimento e encara como verdade. Assim temos vários elementos que nos remetem ao termo "memória coletiva" como datas, locais, mártires, heróis nacionais entre outros.

Não se pode concentrar em um único quadro a totalidade dos acontecimentos passados senão na condição de desligá-los da memória dos grupos que deles guardavam a lembrança, romper as amarras pelas quais participavam da vida psicológica dos meios de sociais onde aconteceram, de não manter deles senão o sistema cronológico e espacial (HALBWACHS, 1990, p. 85)

Nós guardamos então a memória coletiva comum mas não guardamos no entanto a memória de outros grupos. Contudo a memória coletiva é vulnerável por ser sempre influenciada pelo presente. A memória aparece sempre sendo disputada principalmente por aqueles que pretendem se aproveitar dela. A memória está sempre em constante mudança, o esquecimento gerado por essa disputa acaba por colocar algumas realidades em perigo.

[...]nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1990, p. 368)

É a partir ainda da memória que mesmo com a constituição de outros grupos podemos ver e observar a passagem de costumes e de saberes. O grupo pode se renovar com a integração de novas pessoas em seu meio e as tradições continuarem por existir. Segundo Le Goff (1990)

“O grupo, no momento em que considera seu passado, sente acertadamente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo.” Portando podemos considerar a memória como fator importante para a continuação dos grupos tradicionais.

A sociedade passa por mudanças o tempo todo, porém não são mudanças que serão notadas de imediato a não ser que haja um pique de acontecimentos e os mesmos sejam registrados. Já a memória coletiva ela acompanha esse longo período que não foi registrado de maneira escrita, passa por algumas transformações e alguns fatos também passaram despercebidos pela memória coletiva. A História por ter o seu tom crítico se utiliza da memória para conseguir provar e documentar uma narrativa. A utilização da memória permite que a História vá além do que está posta, como por exemplo histórias que possuem apenas o viés do “vencedor” (europeu) mostrando que a História também possui outros atores.

Uma das formas que conseguimos fazer melhor a apreensão da memória coletiva é por meio da História Oral. As possibilidades são inúmeras, esse método de formação de documento nos permite ter outras percepções além do quantitativo, uma vez que é um objeto de preservação da memória, que observa e apenas relata alguns acontecimentos que parecem ser importantes para cada indivíduo. A história oral e a memória fornecem suporte para a escrita da História o que possibilita a construção de novas perspectivas.

A memória e a História oral como elementos de reconstituição de outras narrativas contribuem para a escrita da História dos oprimidos. Uma vez que os mesmos não tiveram oportunidade de constituir seus monumentos e documentos. A História é escrita com respaldo metodológico com fontes variadas mescladas entre documentos e monumentos. A memória também é uma fonte histórica que é utilizada para o preenchimento de lacunas que são deixadas pela História que é documentada a partir do método da História Oral.

Em África a tradição oral está presente ao longo da sua história, mesmo antes do século XVI a “palavra falada” já era utilizada nas sociedades mesmo antes da chegada do colonizador. Portanto a tradição oral tem datação mais antiga nas comunidades africanas, nas tribos nem todos tinham o acesso a escrita, mas isso não quer dizer que essas sociedades não detivessem o domínio da escrita. A oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade.

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar de elocuições-chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. (VANSINA, 2011, p.139)

Nas sociedades africanas ou as que ascendem delas independente da diáspora, a

memória é um elemento importante para a consciência individual e coletiva. Nessas sociedades/comunidades o saber do mais velho e a vivência do mesmo é valorizada pelos demais com algumas expressões de cunho popular como “um velho é uma biblioteca”. O mais velho passa aquilo que aprendeu, viu, ouviu e sabe. O mais novo escuta internaliza e coloca em prática o que achar mais viável e o que julgar importante. O mais novo é aquele que praticará e levará o conhecimento do mais velho e tão logo se tornará uma biblioteca. Nas comunidades afro-brasileiras a figura de um ancião e de uma matriarca é recorrente, os mais novos promovem os eventos e os mais velhos continuam como símbolos.

Podemos ver esses movimentos no Candomblé, na Umbanda, no samba de roda, maracatus, na congada entre outros. Cada grupo possui a sua memória coletiva como família, escola entre outras, isso não é diferente com os grupos afro-brasileiros. O Brasil passa por uma construção histórica muito parecida com outros países da América Latina. O tráfico negreiro fez com que memórias fossem adicionadas involuntariamente nessas realidades. A escravidão trouxe a memória dos grupos já existentes, os mesmos foram envolvidos em novas memórias que foram criados nesses solos e a partir de então outras também foram se formando.

A escravidão do período colonial ocorre porque as sociedades europeias se apoiam em algumas teorias incluindo a da igreja onde os negros são considerados sem alma e sua cultura é considerada de menor valia por ter costumes, escritas e línguas diferentes da deles. Fazendo que sob o olhar deles essas sociedades com corpos negros pudessem ser animalizadas e exploradas. Na obra "História Geral da África- I Metodologia e Pré-História" Ki-Zerbo (2011) diz que, a África possui a sua história e existem pontos que não foram mencionados por vários autores, e estes colocam a África em posições ruins em relação a identidade com grandes falhas tendo na maioria das vezes a visão do colonizador como verdade absoluta. O mesmo processo pode ser observado nessa diáspora onde os negros ainda são subjugados e tratados como marginais pelos demais. Esta escravidão interrompe a história, a memória e abala a identidade do povo negro. A corporeidade dos mesmos vem sendo influenciada pelos europeus que insistem em gravar seus códigos linguísticos, filosóficos, religiosos, culturais e sua visão do mundo.

Desde que foram empregadas as noções de “brancos” e “negros”, para nomear genericamente os colonizadores, considerados superiores, e os colonizados, os africanos foram levados a lutar contra uma dupla servidão, econômica e psicológica. Marcado pela pigmentação de sua pele, transformado em uma mercadoria entre outras, e destinado ao trabalho forçado, o africano veio a simbolizar, na consciência de seus dominadores, uma essência racial imaginária e ilusoriamente inferior: a de negro. Este processo de falsa identificação depreciou a história dos povos africanos no espírito de muitos, rebaixando-a a uma etno história, em cuja apreciação das realidades históricas e culturais não podia ser senão falseada. (KI-ZERBO, 2011, p.21)

A divisão de raças se deu exatamente no processo de escravização do corpo, esse aprisionamento se deu no campo cultural e no religioso onde a repressão a qualquer manifestação não autorizada era imediata. Não documentar essas práticas poderiam ser também intencionais, pensar em memória e como perceber como foi feito o registro das mesmas nos leva até o conceito de oralitura, que surge como uma saída possível de se fazer uma análise mais abrangente. Uma vez que muito do que existe de cultura negra não possui registros escritos.

1.1 Oralitura

O termo oralitura foi utilizado com Ernst Mirville entre os anos de 1971 e 1974 na obra *“Interview sur le concept d’oraliture accordée à Pierre-Raymond Dumas par le docteur Ernest Mirville”* que não possui tradução para o português, este pretendia incluir os contos do idioma crioulo (*créolé*) como elemento de literatura, as mesmas são tradicionais no Haiti porém não estavam registradas de maneira escrita. Segundo Santos (2011), a oralitura possui gêneros possíveis de detectar dentro da sua tradição oral, o que pode ser caracterizado como mitos, epopeias, contos, canções, provérbios, ditados e adivinhas. A oralitura é um termo que passa a ser adotado a partir da de 1980, por escritores antilhanos, para dar suporte enquanto conhecimento a literatura oral local. Ela é vista como um instrumento para diminuir a distância entre o oral e o escrito. Nesta relação entre a oralidade e a escrita, que o termo ganha terreno dando sustentação a costumes tradicionais. A partir da consideração que o ato de repassar um conhecimento verbalmente é uma das formas mais antigas de se transmitir conhecimento e de propagar memória.

Sendo uma organização oral, o *créolé* é uma língua jovem, que possui em média 300 anos e ainda está na formação da sua maneira de escrever. A oralitura é tema de discussão entre os defensores da criouldade, pois, foi identificado pelos mesmos que é desta maneira que os haitianos mais aprendem até o ingresso a escola. Aprende-se em família o crioulo e na escola se aprende a ler e escrever o francês, portanto boa parte é transmitido através da oralidade.

O termo nos ajuda interpretar não só as culturas antilhanas e crioulas, mas, também as culturas que não possuem escrita. No entanto, é através da oralidade que se dissemina os valores tradicionais, conhecimentos técnicos e religiosos e se assume a responsabilidade de estabelecer a troca entre o passado e presente. Segundo Caetano (2007), a literatura não é autônoma ela está diretamente ligada às questões históricas e culturais dos indivíduos

O texto literário não é autônomo em relação ao ambiente histórico e cultural em que é produzido. Ele é um modo de projeção das questões e pontos de vista que configuram esse ambiente, sintoniza-se, em alguma medida, com a percepção própria do seu tempo. Noutros termos, a experiência literária não é exclusivamente estética, mas diz respeito a um certo modo de percepção que é histórico-cultural, implica uma escolha discursivo-ideológica daquele que escreve. (CAETANO, 2007, p. 3).

A importância da literatura oral para a construção de histórias negras é a de garimpar essas memórias e desta forma possibilitar novas descobertas sobre o panteão de culturas negras. A inferiorização de povos que possuem costumes e culturas diferentes passa pela recusa da história desse povo, portanto utilizar a oralidade como ferramenta, pode ser importante para a construção da narrativa africana e a desconstrução dos preconceitos já instalados sobre o percurso histórico do continente africano. “um dos efeitos de se viver em uma cultura dominada pela palavra escrita é devido ao rebaixamento da palavra falada, cauterizá-la.” (PRINS, 1992 p.170).

A história das comunidades africanas é contada a partir de pessoas que as integram, dar importância a visão dessas pessoas a partir da sua vivência e de memórias que foram repassadas a elas é muito importante. A história é sempre vista pelo prisma da escrita o que engessa a visão que se tem da África, no entanto os estudiosos africanos vêm procurando escrever a História da África a fim de desmistificar alguns pré-conceitos, se fizermos a leitura somente do prisma europeu teremos apenas a visão do colonizador como verdade e recusaremos ao negro a condição de ser humano e de agente de sua própria História. O negro, segundo Vansina (2011), possuía outras preocupações no seu cotidiano ler e escrever ainda não era algo tão útil imprescindível para os africanos nesse molde social.

As civilizações africanas, no Saara e ao sul do deserto, eram em grande parte civilizações da palavra falada, mesmo onde existia a escrita; como na África Ocidental a partir do século XVI, pois muitas poucas pessoas sabiam escrever, ficando a escrita muitas vezes relegada a um plano secundário em relação às preocupações essenciais da sociedade. (VANSINA, 2011, p. 139)

O eurocentrismo é deixado de lado e a história negra é contada a partir do povo negro esse é o sentido dos africanistas³ que intitulam esse movimento de “pirâmide invertida”. África um continente que possui pouca História documentada mediante a tantos anos de existência, a escrita efetiva feita por vários escritores deixaram de lado aspectos por não ter fontes escritas e seus arsenais arqueológicos não serem considerados tão importantes. A perspectiva africana cresce em favor da reconstrução dessa narrativa que deturpada. O africanismo é a vertente

³ são os pensadores africanos que acreditam em uma união dos povos africanos em prol da resolução de problemas sociais, políticos e econômicos do continente.

responsável por mudar parte da visão mundial sobre a África, colocando mais informações e estudos sobre o continente, mostrando que a identidade da África é plural e não uno.

O esforço dessa vertente revelou, contudo, erros cometidos anteriormente, pois, na reação ao paradigma da Inferioridade Africana, a perspectiva da Superioridade Africana lançou mão de categorias europeias buscando Promover uma supervalorização do continente em detrimento de outros continentes, o que acabava por promover uma espécie de “pirâmide invertida” em que o foco é deslocado do eurocentrismo para o afrocentrismo. (OLIVEIRA; MAGALHÃES, 2017, p. 8)

Desta maneira podemos conceber então a oralitura como um grande instrumento da reconstrução da identidade africana e da identidade do negro brasileiro. O negro da diáspora brasileira é herdeiro direto da África e logo tem todos os pré-conceitos incorporados aos seus corpos pelo colonizador, corpo esse que possui memória, a mesma aparece involuntariamente em todas as manifestações que tem descendência africana. A oralitura serve para transcrever não só os contos, lendas e histórias desse povo como também para ler esses corpos que trazem aspectos tão marcantes.

2 ORIGEM DA CONGADA

O primeiro registro da congada no Brasil foi em 1552, onde um o jesuíta Antônio Pires relata a existência de uma confraria do Rosário em Pernambuco o que pode comprovar que a congada não poderia ter sido inspirada na cultura europeia, tendo então matrizes africanas. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN - organizou os registros escritos sobre a congada haja vista que por ser uma cultura marginalizada, não foram considerados importantes e dignos de escrita pelos europeus. Para eles movimentos negros não eram considerados importantes, portanto, não dignos de escrita. Tendo então registros espaçados e muito escassos sobre

O jesuíta Antônio Pires dá notícia de que em 1552 os negros africanos de Pernambuco estavam reunidos numa confraria do Rosário, e se praticava na terra procissões exclusivamente compostas de homens-de-côr. Não se refere ainda a reis negros aqui, mas a indicação é muito sintomática. A eleição de reis negros titulares, a coroação deles, e as festas que provinham disso, *Congos*, *Congadas*, sempre até hoje se ligaram intimamente à festa, e mesmo a confraria do Rosário. Inda mais: as procissões católicas eram cortejos que lembravam ao negro os seus cortejos reais da África. Nada mais natural do que a identificação. (ANDRADE, 1935, p. 37:apud. FERREIRA, 2005)

A origem da congada é difícil de ser considerada uma só, existem versões diferentes, sendo a maioria “faladas” e repassadas de geração para geração. A insuficiência de trabalhos escritos ainda é um obstáculo para que haja a unificação de versões. “Para Leda Maria Martins o congado pode ser compreendido como um “apagamento incompleto” da cultura africana em

solo brasileiro, o que é conceituado pela autora como “afrografia” (Silva, 2016; Freitas, 2016 p.228).

Ferreira (2005) vai considerar em seu artigo “Origens da congada: controvérsias e convergências” algumas versões sobre o surgimento da congada em solo brasileiro. Uma das origens mais conhecidas é com Chico Rei que se torna o primeiro rei do Congo em Minas Gerais dentro da igreja Nossa Senhora do Rosário, porém é uma origem sem datação. Alguns autores vão relacionar sua origem como uma válvula de escape as jornadas de trabalho dos negros cativos

Desde o século XVII, tanto no nordeste como no sudeste do país, tem-se registro desses Reis. Antonil, numa de suas observações sobre o início da sociedade colonial, identifica a festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito como o único alívio do cativo. Nesse texto, o autor pede aos senhores que não fosse negada aos cativos a festa (GABARRA, 2006, p. 395)

O estudo que Ferreira (2005) faz menção é de Mário de Andrade que estava engajado na procura de traços culturais presentes no Brasil que pudessem ser apreendidos enquanto identidade para o povo brasileiro. No entanto, Andrade defende a congada como uma expressão africana no Brasil e que alguns elementos foram adicionados com a imposição do colonizador. “A representação da embaixada permite identificar uma série de elementos míticos relacionados à tradição de algumas tribos africanas.” (FERREIRA, 2005, p.103).

Não há um consenso entre os autores sobre o surgimento da congada, para Costa (2012) a congada é afro-brasileira, no entanto para Ferreira (2005) a congada apesar de sua incorporação com outras manifestações e costumes ainda carrega muito das questões históricas africanas

[...] o autor enfatiza que a mesma está calcada em fatos históricos, referentes ao passado africano, pois o costume de enviar embaixadas a reinos aliados ou rivais teria sido bastante difundido naquele continente. Visando legitimar essa teoria, Andrade (1935) busca resgatar a história de alguns personagens bastante presentes nas representações que aconteciam pelo Brasil afora, como o rei do Congo, o príncipe Suená (seu filho) e, principalmente, a rainha Ginga. Para o autor, esses fatos são evidências de que o bailado dos Congos nasceu a partir da iniciativa dos negros que migraram para a América. (FERREIRA, 2005, p. 103).

No entanto cada região da uma significação diferente a congada por exemplo: Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro, Goiás entre outras criaram a sua própria versão do surgimento, algumas inspiradas no mítico com a aparição de Santa Efigênia ou Nossa Senhora do Rosário no mar. Outras buscaram inspiração na libertação dos escravos em conjunto com a Lei Áurea, e a coroação de Chico rei. Conquanto haja uma diversidade nesses movimentos o que mais aparece no enredo ainda é a presença de Nossa Senhora do Rosário.

Para Camila e Sávio (2016) o congado é um ritual performático, nesse ritual música, dança, canto e várias formas de expressão são envolvidas. Todos esses aspectos são possibilidades que a oralitura tem de documentar essas expressões.

A congada possui algumas centenas de anos em solo brasileiro, ainda hoje possuem as festas do rosário que em algumas cidades do Brasil conseguem parar toda uma cidade em prol da festa

No território brasileiro as Irmandades ganharam papel fundamental tanto para a libertação dos negros como para a perpetuação da memória transatlântica, uma vez que em muitos casos os “associados” se reuniam com o intuito de para a unir escravos libertos ou que em muitos casos ou que os que possuíam interesse em comprar a carta de alforria. (SILVA, 2016, FREITAS, 2016, p. 228).

A memória dos congos está presente não só do corpo que dança um ritmo próprio com danças cadenciadas ao som das caixas, a memória está presente nas conversas com os mais velhos e principalmente nas músicas que são entoadas o tempo todo nas festas de congo. Os “cantopoemas” são elementos de memórias importantes que podem ser transmitidos através da oralitura. Podendo então comprovar que os cantopoemas são um instrumento de transmissão de memória efetivo e de suma importância para a tradição e preservação de um grande arcabouço da memória dos negros no Brasil.

A Santa encontrada no oceano marcadamente representa os principais enredos sobre as manifestações da Congada. A narrativa enfatiza que os negros encontraram uma imagem de uma santa negra no mar e que não foi permitida a exposição dela no altar da igreja. Obrigando-os a colocarem-na dentro de um oco de uma árvore e, posteriormente, no local, a construção de uma igreja denominada Nossa Senhora do Rosário dos pretos.

Num primeiro momento os negros não conseguiram colocar no centro de seus enredos a presença de Santa Efigênia por essa ser negra, a sociedade de base escravocrata impedia a existência de uma referência tão significativa quanto essa. A solução foi a imposição de uma santa branca (Nossa Senhora do Rosário) a fim de dar continuidade a coroação de seus reis e rainhas. Por meio do sincretismo, elemento utilizado na época para catolizar os negros, puderam utilizar atabaques e batuques nos cultos para acompanhar as ladainhas entoadas

...Ramos (1954) salienta a importância da cultura africana na moldagem dos altos populares dos Congos, no entanto, esse autor busca afirmar o conteúdo eminentemente sincrético presente nos mesmos. De acordo com ele, os mitos africanos tiveram que se adaptar à realidade cultural e social encontrada no Novo Mundo. Assim, diante de uma sociedade colonial opressora, dominada pela cultura branca e católica, teria sido natural ocorrerem deformações na matriz original, através de um processo que o autor chama de “lei da interpenetração cultural”. (FERREIRA, 2005, p. 103).

Segundo Brasileiro (2001) o congado nada mais é que um culto aos ancestrais de hierarquia superior, culto esse que é comum a várias nações sendo considerada cada nação uma guarda⁴. Ainda segundo o autor as primeiras músicas cantadas possuíam por vezes uma linguagem incompreensível.

2.1 A memória de hoje em Aparecida

O Batalhão de Congo Santa Efigênia se encontra no setor Alto Paraíso na cidade de Aparecida de Goiânia - Go e é hoje uma das referências da cultura negra do município. A sua formação se deu através de pessoas oriundas de outros grupos da capital goiana, que por sua vez, são originárias das irmandades da Congada de Catalão (GO), que é referência para todos os demais batalhões goianos. O Batalhão de Congo Santa Efigênia possui pessoas de todas as idades e pessoas que vêm de famílias que tem mais de uma geração dentro da congada. A fundação do grupo emerge em 2013 onde a família se reencontrou para que todos ficassem em um mesmo espaço.

A construção da memória começa desde o primeiro contato com a congada onde todos aqueles que adentram passam a ter convívio com os mais velhos, esses costumam parar os ensaios para contar uma história ou outra. Na transmissão de saberes em que se tem a instrução da ritualística da festa e da afinidade que deve haver entre os participantes daquele grupo.

Uma das fontes de memória que pode ser identificada no grupo em questão e nos outros de maneira geral, são as músicas. Essas carregam elementos históricos que são repetidos constantemente, as letras são produto da inspiração dos capitães. Essas rimas são gravadas se tornando quase uma oração que, no entanto, é passada por seus pais e avós. As canções não são registradas, porém são conhecidas do grupo, exceto quando os capitães a criam naquele momento. A temática das músicas rodeia em torno da realidade do negro no tempo da escravidão, após ela e nos dias de hoje.

A palavra cantada e contada dentro dos congos adquirem uma “bailadado” expressivo entre corpo e fala. Com isso podemos denominar que os canto poemas estão diretamente ligados à *performance*, e essa, por sua vez, à identidade e preservação do negro(a) advindo(a) da diáspora africana. (SILVA; FREITAS, 2016, p. 230)

⁴ Guarda, terno é o nome que é dado ao conjunto de dançadores sendo um grupo só.

As músicas escolhidas são do Batalhão de congo Santa Efigênia todas de acervo pessoal.

Tava deitado de baixo de um laranjal ê ah (2x) Quando chegaram me prenderam, me pois eu preso amarrado ê ah (2x) Eu não matei eu não roubei não fiço nada ê ah (2x)⁵ (marcha dobrada, não possui datação estimasse mais de duzentos anos)

A música nos dá uma outra visão da travessia atlântica, quando um escravizado que não entendia o que estava acontecendo, nos cede a sua percepção e narra uma série de acontecimentos, ele se via deitado, foi sequestrado e agora não sabia o que poderia vir. Se pegava apenas repetindo indagações em sua mente “eu não matei eu não roubei não fiço nada”, que para os congadeiros em questão, ressoa como um lamento de os seus antepassados.

Eu sou um africano, e eu vim para o Brasil contra vontade. Trabalhar na escravidão de dia e de noite sem poder ter liberdade (marcha, não possui datação).

Os versos da canção “eu sou um africano”, podem nos fazer refletir em relação a identidade deste povo. Onde os congadeiros se colocam na posição de africanos que não vieram por vontade própria, e foram forçados a trabalhar exaustivamente. Sabemos que as jornadas de trabalho escravo eram extremamente cansativas, onde não se tinha direito a descanso e nem tipo de condições básicas para essas jornadas. Essas rimas conseguem também nos transcrever que o autor é um sujeito consciente que compreende a condição em que se encontra e lamenta a situação.

Eu vou botar fogo no engenho
Onde o negro apanhou
Eu vou botar fogo no engenho
Onde o negro apanhou
Canta aí negro nagô
Canta aí negro nagô
(xote, Batalhão de Congo Santa Efigênia)

A música tem rimas repetidas que são cantadas em tom alegre, ela retrata um pouco do enredo em que a congada está construída que é o da libertação. O canto caminha para a significação dessa tradição enquanto forma de resistência, a queima do tronco simboliza uma libertação das almas acorrentadas uma finalização do sofrimento que coletivo que a escravidão trouxe, e que após o fim da escravidão o negro pode cantar e dançar livremente.

São Benedito é preto
Do tempo da escravidão
Eu ainda sofro com a discriminação

⁵ Por fidelidade aos cânticos o texto escrito guarda relação com os aspectos orais das narrativas.

(xote, general Jair, Batalhão de Congo Santa Efigênia)

São Benedito possui várias lendas sobre o seu surgimento, existem muitas músicas sobre o “santo cozinheiro”, nestes versos do general Jair ele relaciona o santo padroeiro com o racismo. Ele era um escravo cozinheiro que era forçado todos os dias a fazer verdadeiros banquetes com comida insuficiente, Benedito era perseguido por conseguir sempre fazer seus banquetes até que decidiram queimar ele para ver se ele era realmente milagroso e então ele desapareceu sem deixar vestígios e passou a ser conhecido pelos negros como protetor das cozinheiras e dos negros.

São Benedito era um escravo africano...Escravo cozinheiro, alimentava todos à qualquer hora e lugar. Seus algozes invejosos tentavam destruí-lo ao obrigá-lo cada dia mais ir mais longe buscar grandes quantidades de alimentos que um homem comum não conseguia transportar. Benedito partia e retornava em tempo. Tudo o que os senhores pediam, ele trazia. A comida sempre na hora e o tempero sempre igual. Incapazes de suportar um escravo inteligente, resolveram queimar Benedito e sem querer transformá-lo em protetor de todo negro. (BRASILEIRO, 2001, p. 27)

A partir do ocorrido com São Benedito podemos interpretar a referência para esta construção de versos. Considerando que São Benedito há muito fora perseguido, a construção imagética e conseqüentemente a licença poética interpretada pelo General Jair nos faz imaginar que ele ainda se sente perseguido mesmo não vivendo naquele tempo. Ainda que tenha passado mais de um século em que o cativeiro acabou de fato, os fatos evidenciam que o preconceito racial persegue o negro em vários campos.

O Batalhão de Congo Santa Efigênia inscreve uma narrativa importante para a preservação da memória coletiva enquanto grupo diretamente atingido pela escravidão tendo sobretudo como uma das suas maiores armas a arte expressa pela musicalidade de seus cânticos. Pode-se afirmar que as rimas são uma das maneiras que a congada encontrou de tentar proteger a sua memória, com canções sem autorias reconhecidas, mas que no entanto fazem parte do imaginário coletivo dos pretos o que sucinta uma memória afetiva e militante por parte daqueles que a vivem e conseqüentemente lutar para preservá-las. Por isso pensar a congada e o grupo como agente preservador de cultura é entender o quão importante o elemento musical é idiossincrática e fundamental para este grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na condição de pesquisadora é importante que se tenha uma distância considerável entre prática, vivência e academia. No entanto, a visão de pessoas pertencentes a esses espaços como

a congada, podem trazer visões muito mais descortinadoras do que o olhar de outrem sobre um objeto. E enquanto pesquisadora de uma cultura que a mim pertence penso que é um olhar muito real sobre aquilo que de muitas formas foi explicitado de maneira equivocada. Pensar a congada é muito mais do que refletir sobre um objeto. É sentir e rever que após exatamente cento e trinta anos depois do fim da escravidão a congada vem tentando continuar com a resistência da sua cultura, memória e saberes.

A música dentro de tradições orais que trabalham como o corpo e o canto pode ser considerada característica principal, um agente extremamente importante para a manutenção dessa memória coletiva. A memória é algo presente para os congadeiros em todo o tempo do percurso tradicional para as visitas e missas, os passos dentro dos ritmos tradicionais propostos pelos capitães. No entanto, mesmo passando por algumas modificações as narrativas acerca desta significação está sendo repassada a seus dançantes, dentro do batalhão de congo Santa Efigênia, sendo o conceito de oralitura uma importante ferramenta para a interpretação das memórias do povo preto, como resposta ao apagamento das memórias outrora presentes na vida dos pretos, uma vez que a resistência desses grupos étnicos atravessa centenas de anos e que esse mesmo instrumento faz com que escritos ajudem para que essas percepções.

Mas eu chorei
Chorei, chorei,
Quando me disseram que a festa de congo ia acabar,
Mas eu chorei e choro com razão,
festa de congo para nós é uma grande religião
(música: Capitão Sandro)

A música citada é cantada frequentemente pelo batalhão que não fala tão somente a falta de respeito de pessoas de fora da tradição, bem como a falta da corporeidade artística do congo faz para quem é de dentro, internalizando-a não apenas como dança e sim também como uma religião. Portanto não encaro a congada como um mero objeto, trato a com um zelo de quem aprendeu a cuidar da tradição desde barriga.

Considero então que a congada é um elemento oral muito importante para a identidade do negro. Uma cultura que conseguiu a duras penas poupar muito do que se tem de tradicional, e do que se tem de memória. Dançar congo hoje no grupo Santa Efigênia inscreve se como uma narrativa do não segredo. E que o se tem é um grito de resistência para que todo o horror da escravidão não aconteça mais de forma alguma.

Abstract: The present text evidences the congada as an expression of identity and memory of black culture of African matrix in the city of Aparecida de Goiânia-Goiás. The article was

developed from a methodology of bibliographical research with a cut in the Battalion of Congo Santa Efigênia in the Alto Paraíso sector in Aparecida de Goiânia. We propose to understand how orality contributes to the continuity of the conglomerate tradition in the city as well as relate History and Memory from the songs that are sung by this group in specific, to the perception of the traces of historical memory present in the entanglements. We used the following bibliographical references Brazilian (2001), Ki-zerbo (2011), Costa (2012) among others.

Key words: Congada. Memory and History. Oralitura.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter [1992]. **A escola dos annales, 1929-1989-A revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

BRASILEIRO, Jeremias. **Congadas de Minas Gerais**. Brasília: Fundação Palmares, 2001.

CAETANO, Marcelo José. **Itinerários Africanos: Do colonial ao Pós-colonial nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**. v.4 Anos. IV, nº. 2, 2007.

COSTA, Patrícia. **As raízes da congada: A renovação do presente pelos filhos do Rosário**. 1ªed. Curitiba: editora Appris,2012.

FERREIRA, S. Rodrigo. **Origens da congada: controvérsias e convergências**. Montes Claros: Unimontes Científica. 2005.

GABARRA, L. O. **CONGADO DE UBERLÂNDIA: RELÍQUIAS E MEMÓRIA**. **Uberlândia: Histórias e perspectivas**, Jan/ jun,2006.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.São Paulo: revista dos tribunais ltda 1990.

OLIVEIRA K. L. S; MAGALHÃES A. P. M. **NARRAR E PENSAR O OUTRO, NARRAR E PENSAR A SI: A ESCRITA DA HISTÓRIA DA ÁFRICA ENTRE E ETNOCENTRISMO E A EPISTEMOLOGIA DAS DIFERENÇAS**. 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. tradução Bernardo Leitão... [et al.] - Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. p.366-382.

LIGÉRO, Zeca. **Batucar-Cantar-Dançar/desenho da performances africanas no Brasil**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

PATRÍCIA, C.; SAMANTA V.; INA CÉSAIRE E OS CONTOS CRIoulos MARTINICANOS: DESAFIOD DE TRADUÇÃO. Campinas: 2018. Jan./abr. 2018

VANSINA, Jan. **A tradição oral e sua metodologia**. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). História

Geral da África / Metodologia e pré-história da África. 3°. ed. São Paulo: Cortez, 2011. cap. 7, p. 139-166. v. I.